





## O PENSAR FILOSÓFICO No rastro das coisas dignas de serem sabidas<sup>1</sup>

*Valéria Silva de Oliveira<sup>2</sup>*

 <https://orcid.org/0000-0003-4828-6768>

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2024.4.1.8838>

**RESUMO:** Visando mapear os rastros do pensamento ocidental como o conhecemos hoje e as transformações do pensar filosófico que conduziram à nova sensibilidade helenística de então, o presente trabalho encontra-se dividido em duas partes. A primeira disserta brevemente sobre a importância dos pré-socráticos, da Sofística, de Sócrates e Platão para a história do pensamento filosófico ocidental. A segunda parte reflete brevemente sobre o processo de transição da era clássica para a era helenística e as contribuições de Epicuro enquanto fundador de uma das grandes escolas helenísticas da época. Por fim, observa-se que enquanto herdeiros desses pensamentos, conseguimos compreendê-los, conforme sugere Vernant (1999). Destaco a importância de, a partir da compreensão desses pensamentos, reconhecermos o potencial para possibilidade de surgimento de novas formas de pensar, ser e existir no presente e no/para o futuro.

**Palavras-chave:** Pensamento filosófico ocidental; Filosofia antiga; Epicurismo; Era helenística.

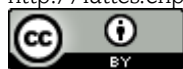
### PHILOSOPHICAL THINKING: On the trail of things worth knowing

**ABSTRACT:** Aiming to map the traces of Western thought as we know it today and the transformations in philosophical thought that led to the new Hellenistic sensibility of the time, this work is divided into two parts. The first talks briefly about the importance of the pre-Socratics, Sophistics, Socrates and Plato for the history of Western philosophical thought. The second part briefly reflects on the transition process from the classical era to the Hellenistic era and the contributions of Epicurus as the founder of one of the great Hellenistic schools of the time. Finally, it should be noted that as the heirs of these thoughts, they are able to understand them, as suggested by Vernant (1999). We highlight the importance of, based on

---

<sup>1</sup> O título do presente trabalho foi inspirado no texto NIETZSCHE, Friedrich. **Os filósofos trágicos**. In: Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. pp. 10-12.

<sup>2</sup> Doutorado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Mestrado em Letras pela Universidade Federal Fluminense; Especialização em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Minas Gerais; Especialização em Linguística Aplicada pela Universidade Federal Fluminense; Graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Graduanda em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2618565405869050>.





understanding these thoughts, considering the potential for the possibility of the emergence of new ways of thinking, being and existing in the present and in/for the future.

**Keywords:** Western philosophical thought; Ancient philosophy; Epicureanism; Hellenistic era.

*“O homem está imerso na natureza, mas deve aprender –  
e essa é a verdadeira sabedoria – que se pode mudar a si  
mesmo, não o mundo: por haver contemplado os astros,  
por haver refletido sobre a essência das coisas, nasce uma  
potência interior de aceitação, uma liberdade, que são  
tudo aquilo a que um homem pode aspirar.”*  
(VERNANT, 1999)

## 1 A IMPORTÂNCIA DOS PRÉ-SOCRÁTICOS, DA SOFÍSTICA, DE SÓCRATES E PLATÃO PARA A HISTÓRIA DO PENSAMENTO FILOSÓFICO OCIDENTAL

O pensamento Ocidental como o conhecemos hoje tem sua origem na filosofia antiga, uma forma específica de busca pela sabedoria que teria sido realizada pelos gregos. Acredita-se que a filosofia surge na passagem do *mýthos* ao *lógos*. Na contramão das narrativas da mitopoética, tentava-se desviar de qualquer explicação alicerçada nos deuses e seus respectivos mitos e buscava-se a *arché*, a origem/causa/princípio de todas as coisas, na *physis*, ou seja, na natureza. Nesse sentido, Vernant afirma que “[...] os filósofos haviam aberto o caminho, pois buscavam, apesar de tudo, um princípio explicativo, um só, único, o Uno, o ser eterno e imutável. É a filosofia grega, assim, que constrói moldes de reflexão que permitirão pensar esse deus absoluto, única verdade.” (VERNANT, 1999).

Entre esses pensadores visionários, filósofos da *physis*, ou *physikois*, encontram-se Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto, Anaxímenes de Mileto, Heráclito de Éfeso, os Pitagóricos, Xenófanes de Cólofon, Parmênides de Eleia, entre outros. Embora o pensamento desses primeiros filósofos pudesse ser, em alguns aspectos, ainda primário, ou, como diria Friedrich Nietzsche (1985, p. 10; 2008, p. 43), “embrionário”, ou “em estado de crisálida”, destaca-se a grandeza da cognição (ou condição) humana em conseguir pensar de formas criativas e inovadoras o *kosmos* - ordenamento de todas as coisas; em explicações e soluções de problemas por meio do *logos*. No



caso em tela, *logos* trata-se de “um tipo de raciocínio” (VERNANT, 1999) ou linguagem que teria tido sua gênese na Grécia antiga.

Nesse contexto de pensamento revolucionário surge também novas formas de partilha de poder entre os cidadãos, um comportamento social, práticas institucionais, nascendo, então, a política. Da mesma forma, um fenômeno que se consolidaria a partir do século 6º a.C. na Atenas de Sólon e Clístones se tornaria um dos pilares da civilização ocidental também se iniciaria: a democracia. Assim, conforme sugere Jean-Pierre Vernant, o Ocidente é uma invenção grega;

Sobretudo ao definir um tipo de vida coletiva, um tipo de atitude religiosa e também uma forma de pensamento, de inteligência, de técnicas intelectuais, de que lhes somos em grande parte devedores. E mais, eles transmitiram seus métodos e seu conteúdo de pensamento, na época helenística, ao Oriente Médio e à Índia. (VERNANT, 1999)

A “*isegoria*” o direito igualitário à palavra é a ferramenta dessa democracia<sup>3</sup> que surgia contrapondo-se à tirania e soberania da “*monarchia*”. Assim, todos aqueles considerados cidadãos teriam direito a fala, já que “os que estão na periferia se acham todos a igual distância do centro, e, estando o poder localizado no centro, ninguém lhe põe as mãos” (VERNANT, 1999). A invenção da política e, conseqüentemente, da democracia, também está ligada às reinvenções que ocorriam na arquitetura, principalmente com a formatação dos espaços públicos onde seria possível a propagação do pensamento mediado pela palavra que se projeta e se incorporava à vida social através desses espaços. É nesse contexto que Vernant afirma que “pouco a pouco, todos os assuntos de interesse público e comum são regulados dessa maneira, sob a vista de todos. O que muda são os argumentos e contra-argumentos. Há um jogo de demonstração, de persuasão, uma arte da palavra que lá se aprende.” (VERNANT, 1999). A palavra proferida nos espaços públicos, que busca convencer, torna-se, assim, fundamental para a dinâmica daquela sociedade e de todos que dela faziam parte (VERNANT, 1999).

---

<sup>3</sup> Apesar da democracia e de todo o pensamento que surge em torno dela terem sido algo revolucionário para época, Vernant (1999) nos lembra que não se pode ter uma visão idealizada dela: “[...] a democracia é o perigo permanente da guerra civil. Some-se a isso o fato de que as mulheres se acham excluídas da vida comunitária, mais ainda do que antes: o status da mulher parece, na epopeia homérica ou na poesia arcaica, mais favorável que na Atenas democrática. A maior virtude de uma mulher, diz Péricles, é saber se calar.” (VERNANT, 1999). Os escravizados seriam também não-cidadãos, excluídos da humanidade, apagados do sistema democrático.



A fim de mapear brevemente esse pensamento que rompia de forma inovadora com um entendimento de mundo fundamentado na mito-poética, cabe citar algumas contribuições de alguns desses filósofos classificados por Reale e Antiseri (2003, p. 48), como “naturalistas”, o quais serão inclusive criticados posteriormente por Epicuro, um dos filósofos helenistas o qual será mencionado em mais detalhes na segunda parte do presente trabalho, e que diz em “Carta sobre a felicidade”: “Mais vale aceitar o mito dos deuses, do que ser escravo do destino dos naturalistas: o mito pelo menos nos oferece a esperança do perdão dos deuses através das homenagens que lhes prestamos, ao passo que o destino é uma necessidade inexorável” (EPICURO, 2002, p. 49). Haveria, assim, na visão de Epicuro uma crítica ao determinismo que subjaz o pensamento dos filósofos naturalistas. No século XIX, entretanto, Friedrich Nietzsche será fundamental no processo de reinscrição do pensamento dos *physikós* na história da filosofia regra ao reconhecer a importância do pensamento de alguns deles, conforme o filósofo alemão afirma “O pensamento de Tales, [...] tem seu valor – mesmo depois do conhecimento de que é indemonstrável – em pretender ser, em todo caso, não-místico e não alegórico” (NIETZSCHE, 1985, p. 10)<sup>4</sup>. Na visão de Nietzsche, Tales se destaca também por ter contemplado a unidade de tudo que é (NIETZSCHE, 1985, p. 12).

Entre os naturalistas, encontram-se os monistas, pitagóricos, Xenófanos, eleatas, pluralistas e físicos ecléticos. Os monistas acreditavam que “há um princípio que se encontra ou se deduz da natureza” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 48). Para Tales, esse princípio era a água; para Anaximandro, o *apeirón* (indefinido / infinito / ilimitado); para Anaxímenes, o ar infinito; para Heráclito, “é o fogo-logos-natureza, símbolo do devir de todas as coisas e da razão – harmonia que governa seus movimentos” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 48); para os pitagóricos, o número e

---

<sup>4</sup> É importante destacar que a reverência aos pré-socráticos não se estendia a todos os pensadores da época. Nietzsche tece também várias críticas a Parmênides, conforme é possível observar da citação a seguir: “Quem assim julga, no conjunto, tal como fez Parmênides deixa de ser com isso um investigador da natureza em particular; seu interesse pelos fenômenos atrofia-se, engendrando para si um ódio pelo fato de não poder livrar-se deste eterno embuste dos sentidos. A verdade deve habitar, agora, apenas nas mais pálidas e abstratas generalidades, nos estojos vazios das mais indeterminadas palavras, como num abrigo feito de teia de aranha; e, junto a tal “verdade”, senta-se então o filósofo, enredado em fórmulas e tão esvaído em sangue quanto uma abstração. A aranha quer, afinal de contas, o sangue de suas vítimas; mas o filósofo parmenidiano detesta justamente o sangue de sua vítima, o sangue da empiria por ele imolada.” (NIETZSCHE, 2008, p. 88)



seus elementos; para Xenófanés, a terra; para os eleatas Parmênides, Zenão Melisso, “o ser é o princípio e fora do princípio nada existe” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 48); para Empódocles, os quatro elementos seriam o princípio (ar, água, terra e fogo); para Anaxágoras, as raízes ou *homeomerias*; para os atomistas Leucipo e Demócrito, os átomos; e, finalmente, para os físicos ecléticos Diógenes de Apolônia e Arquelaus de Atenas o princípio primordial seria o ar infinito e inteligente (REALE; ANTISERI, 2003, p. 48).

Na esteira dos processos de mudança de pensamento antigo, em um momento posterior aos pré-socráticos, conforme sugerem Reale e Antiseri, há um “[...] deslocamento do eixo da pesquisa filosófica do cosmo para o homem” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 73) e é nesse momento que surge Sócrates<sup>5</sup>, Platão e a Sofística. Assim, trata-se de uma cisão entre pensamentos, onde se deixa de investigar a *physis*, o *kosmos* e *arkhé*, para se investigar o *ethos* (costumes, modo de ser) o qual se caracteriza por designar aquilo que é propriamente humano, que tem relação com convivência entre seres humanos, mais especificamente, passa-se a investigar esse homem em sociedade, na Pólis.

A partir dessa nova perspectiva de investigação, destacam-se aqueles, como os sofistas Protágoras, Górgias etc., que acreditavam em um relativismo moral, ou seja, não haveria a possibilidade de determinar de forma absoluta a verdade. Para Protágoras, por exemplo, o homem seria a medida de todas as coisas e, nesse contexto, conforme sugere M. R. Engler (2019), o homem seria incapaz de ultrapassar a própria medida, estando, assim, confinado aos limites de um saber próprio dos mortais, que mais ilude que ilumina. Ademais, conforme sugere Vernant (1999), na sofística acreditava-se que quem soubesse persuadir poderia passar sua tese como verdadeira. Contrapondo-se à sofística, Platão e Aristóteles irão estabelecer critérios de verdade e distinguir os raciocínios falsos dos corretos (VERNANT, 1999). Da mesma forma, Sócrates vai negar esse relativismo moral presente na sofística e declarar, conforme afirma Cornford, “[...] que

---

<sup>5</sup> É importante lembrar que Sócrates nada escreveu, sendo seu pensamento desenvolvido por Platão e Aristóteles. Conforme sugerem João Cardoso de Castro e Rodrigo Siqueira Batista, “é nos diálogos de seu discípulo Platão – também chamados de diálogos socráticos que vamos encontrar o reflexo do pensamento de Sócrates e seu entendimento do que é filosofar” (CASTRO; SIQUEIRA-BATISTA, 2017, p. 290).



a perfeição humana está no conhecimento do bem e do mal” (CORNFORD, 2005, p. 42). Esse conhecimento não seria ensinado, mas estaria impresso na alma:

A descoberta de Sócrates foi que o verdadeiro ser não está no corpo, mas na alma. E, para ele, a alma significava a sede daquela capacidade de descoberta que consegue distinguir o bem do mal, infalivelmente escolhendo o bem. O autoconhecimento implica o reconhecimento deste ser verdadeiro. O autoexame é uma disciplina constantemente exigida para distinguir seu julgamento das sugestões de outros elementos de nossa natureza, intimamente ligados ao corpo e seus interesses perturbadores. O autocontrole é o domínio do verdadeiro ser sobre os outros elementos -uma absoluta autocracia da alma. Pois este juiz interior do bem e do mal é também um governante. (CORNFORD, 2005, p. 46).

Nesse sentido, destaca-se que enquanto para a sofística era possível ensinar como fazer teses se passarem por verdadeiras através da persuasão, sugerindo que ação pudesse ser governada por um conjunto de regras imposto do exterior, Sócrates vai defender que o que é verdadeiro está na alma, ou seja, no interior, e, por isso, a aspiração à perfeição espiritual levaria o indivíduo a alcançar uma moralidade que, de certa forma, poder ser considerada transcendente (CORNFORD, 2005). Contrapondo-se também ao pensamento dos denominados pré-socráticos, Cornford afirma que

A filosofia socrática é uma reação contra essa inclinação materialista da ciência física. Para redescobrir o mundo espiritual, a filosofia teve que desistir, por um momento, da busca da substância material na Natureza externa, e voltar os olhos para a natureza da alma humana. Foi esta a revolução realizada por Sócrates, com sua injunção délfica “Conhece-te a ti mesmo”. (CORNFORD, 2005, p. 26)

O processo de busca pela perfeição da alma suscitaria um debate acerca de um tema por várias escolas da época de Sócrates em diante e que seria muito caro também aos filósofos helenistas posteriormente: a felicidade. No entanto, para Sócrates, o objetivo final do homem, o único objetivo que teria valor em si mesmo, seria “tornar a alma tão boa quanto possível”, ou seja, a perfeição da alma (CORNFORD, 2005, pp. 32-33). Diria então Sócrates em “Apologia de Sócrates”:

“Grandes homens, vendo que sois atenienses, uma cidade poderosa e renomada pela sabedoria e poder, não estais envergonhados por vos importardes com riquezas que



podeis adquirir em grande quantidade, e pela glória e pela honra, mas não importais em despende sequer um pensamento à sabedoria e à verdade e por vossas almas, para que vos aproximeis mais da perfeição?" [...] Porque meu dever é nada mais do que persuadir-vos, jovens e idosos, a não vos importardes com o corpo ou com riquezas antes de vos importardes com a alma. (SÓCRATES, 2014, pp. 42-43)

## 2. BREVE REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO DE TRANSIÇÃO DA ERA CLÁSSICA PARA A ERA HELENÍSTICA E AS CONTRIBUIÇÕES DE EPICURO NA ERA HELENÍSTICA.

Por volta do século IV a. C., uma grave crise que afeta a Pólis (a Cidade-Estado) provoca, entre outras coisas, uma revolução política, espiritual e cultural. Essa crise se deu a partir das contínuas conquistas territoriais realizadas por Alexandre Magno (334-323 a.C.) as quais resultaram na formação de um grande império e, conforme sugere Giovanni Reale e Dario Antiseri, na “[...] teorização de uma monarquia universal divina” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 249). **Era o fim da época clássica e o início de uma nova era.** Como parte dessa transição haveria, assim, um deslocamento de um pensamento que entendia o homem no contexto da Pólis, homem-cidadino, para um pensamento que busca compreender o homem-indivíduo. Assim, conforme afirma Reale, “o novo *ethos*, contrariamente ao tradicional enraizado na polis, funda-se sobre o *homem individual*, o *homem privado*: é o *ethos do indivíduo*” (REALE, 2017, p. 151). Cabe mencionar também o surgimento de um ideal cosmopolita – o mundo inteiro seria uma Pólis - o qual se sobrepõe à noção de Pólis como até então se entendia.

É importante destacar que, diante da drástica mudança social e política, fez-se necessário o surgimento de novas filosofias que dessem conta do impacto das intensas transformações que ocorriam no referido contexto sócio-histórico. Nesse sentido, Reale e Antiseri afirmam que

Surgiu assim fortemente a exigência de novas filosofias mais eficazes do ponto de vista prático, que ajudassem a enfrentar os novos acontecimentos e inversão dos antigos valores aos quais estavam estreitamente ligadas. De tal modo, a cultura helênica, difundindo-se em vários lugares, tornou-se cultura helenística, e o centro da cultura passou de Atenas para Alexandria. Como expressões das novas exigências impuseram-se de modo particular a filosofia **cníca**, a **epicurista**, a **estoica** e a **cética**, enquanto o Platonismo e o Aristotelismo caíram em grande medida no esquecimento (REALE; ANTISERI, 2003, p. 249, ênfase minha).



A reviravolta radical no espírito do mundo grego foi suscitada também pela perda gradual da autonomia e liberdade das Cidades-Estado. Houve a destruição de valores fundamentais da vida espiritual da Grécia clássica que serviam de ponto de referência “[...] do agir moral e que Platão, na sua *República*, e Aristóteles, na sua *Política*, não só teorizavam, mas também sublimaram e hipostasiaram, fazendo da Pólis não apenas uma forma histórica, mas inclusive a forma ideal do Estado perfeito”, segundo Reale e Antiseri (2003, p. 250). Consequentemente, as obras citadas anteriormente – *República*, de Platão, e *Política*, de Aristóteles - perderam a sua relevância e eficácia nesse novo contexto marcado por liberdades cerceadas, onde cidadãos tornavam-se súditos.

Sobre esse homem que pertence a esse contexto que por volta de 146 a. C. perderia totalmente a sua liberdade e que se tornaria uma província romana, observa-se um distanciamento ou, conforme sugerem Reale e Antiseri, “uma atitude de desinteresse neutro, quando não aversão” diante do Estado (REALE; ANTISERI, 2003, p. 250). Era sobre essa realidade que as novas filosofias agora teorizavam, “[...] colocando o Estado e a política entre as coisas neutras, ou seja, moralmente indiferentes ou francamente entre as coisas a evitar” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 250).

Destaca-se a descoberta do indivíduo em detrimento do homem político, cidadão de outrora: o homem separa-se do cidadão e, consequentemente, a ética se separa da política. Há um distanciamento entre o homem e o Estado, a concentração do poder nas mãos de poucos. Sobre a ética, Reale e Antiseri afirmam que “[...] pela primeira vez na história da filosofia moral, na época helenística, graças à descoberta do indivíduo, a ética se estrutura de maneira autônoma, baseando-se no homem como tal, na sua singularidade” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 251). Nesse contexto em que se procurava forjar o indivíduo, o combate à ignorância se torna a chave para a liberdade. Na esteira desse entendimento, duas grandes figuras surgem como grandes pensadores da história do Estoicismo: Epiteto, um escravizado liberto, e Marco Aurélio, um imperador. Vale destacar, assim, que para os pensadores da época o conhecimento/pensamento, pelo menos em teoria, estaria disponível a todos, podendo libertar não só mentes individuais, mas também corpos.





A cultura helenística, que teria sido influenciada também pelo Oriente, é caracterizada pela presença das seguintes doutrinas filosóficas: epicurismo, cinismo, estoicismo e o ceticismo. Reale e Antiseri afirmam que essas doutrinas apresentaram modelos de vida que, além de sobreviverem às intempéries do espaço e tempo, “tornaram-se paradigmas espirituais” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 252). A fim de buscar uma melhor compreensão sobre do que se tratava esse pensamento que forma uma escola específica na história da filosofia antiga, faz-se necessário refletir acerca da trajetória e pensamentos de alguns desses filósofos.

Segundo Reale e Antiseri, “a primeira das grandes Escolas helenísticas, em ordem cronológica, foi a de Epicuro, que surgiu em Atenas por volta do fim do séc. IV a.C.” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 259). Epicuro, o qual daria origem ao epicurismo, nasceu na ilha grega de Samos em 341 a.C., mas teria a cidadania ateniense herdada do pai. Embora tenha seguido lições de um filósofo platônico dos 14 aos 18 anos, Epicuro realizaria uma transformação em seu pensamento na fase adulta quando já vivia em Atenas, capital cultural da Grécia Antiga, onde encontrará grandes filósofos ainda em atividade, com exceção de Sócrates, Platão e Aristóteles. Em 322 muda-se para Cólofon na costa asiática, onde é iniciado no pensamento do atomista Demócrito, pensamento esse o qual começa a revisar quando inicia sua própria escola ali mesmo em Cólofon. Após tentar instalar-se em outros lugares, sem sucesso, consegue finalmente fundar uma escola em Lâmpsaco onde conquista adeptos que o seguiriam pelo resto da vida, entre eles, Meneceu, um dos destinatários de três cartas célebres que “[...] costumam ser apontadas como a súpula do pensamento epicurista” (LORENCINI; CARRATORE, 2002, p. 8). É importante mencionar que no ano de 306, Epicuro retorna a Atenas. É ali que nasce o famoso “Jardim de Epicuro”, sua célebre escola ateniense a qual se localizava em uma casa adquirida por ele e que tinha um grande jardim. Epicuro morre aos 72 anos de idade, mas deixa um importante legado que é sua doutrina.

É importante observar que assim como as construções públicas da pólis grega (e.g. teatro), revelam os seus *status* oficiais não só enquanto instituições locais reconhecidas pelas suas funções, mas também como norteadoras da identidade poliade (ALMEIDA, 2010, p. 35), o Jardim de



Epicuro representa as transformações que ocorriam na identidade e no pensamento grego da época. De fato, conforme sugerem Reale e Antiseri,

O próprio lugar escolhido por Epicuro para sua Escola é a expressão da novidade revolucionária do seu pensamento: não uma palestra, símbolo da Grécia clássica, mas um prédio com jardim (que era mais um horto), nos subúrbios de Atenas. O Jardim estava longe do tumulto da vida pública cidadina e próximo do silêncio do campo, aquele silêncio e aquele campo que não diziam nada para as filosofias clássicas, mas que revestiam de grande importância para a nova sensibilidade helenística. (REALE; ANTISERI, 2003, p. 259).

Sua doutrina, assim como a de outros filósofos helenísticos, destaca-se por seu viés prático, podendo ser aplicada por qualquer um no cotidiano, inclusive nos dias atuais. Mais preocupado com a felicidade interior e individual, Epicuro convoca todas as idades na empreitada de alcançar por um espírito saudável através da busca pela sabedoria: “Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde de espírito” (EPICURO, 2002, p. 21). Ao mesmo tempo em que defendia uma vida mais regrada, “habituarse às coisas simples” (EPICURO, 2002, p. 41), sem excessos ou exageros, procurava-se praticar esses princípios no dia a dia. Nesse sentido, sua alimentação, por exemplo, se resumia ao que considerava que era estritamente necessário para atingir uma comedida felicidade e, em consonância com o viés prático de sua doutrina, muitas vezes os epicuristas comiam o que plantavam. Vale destacar que, segundo Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore (2002, p. 13), a formação do pensamento marxista teria sofrido influência da doutrina de Epicuro em vários aspectos.

Além da “Carta a Heródoto”, que trata da física atômica e da “Carta a Pítocle” que discorre sobre os fenômenos celestes, há também a “Carta a Meneceu”, mais conhecida como “Carta sobre a felicidade”. Segundo Lorencini e Carratore, a “Carta sobre a felicidade” “[...] versa justamente sobre a conduta humana, tendo em vista alcançar a tão almejada ‘saúde do espírito’” (LORENCINI; CARRATORE, 2002, p. 14). A busca pela qualidade de vida se torna uma prioridade em detrimento da quantidade/tempo (de vida). Assim, na busca pela saúde de espírito, busca-se uma postura comedida em relação aos prazeres: “O prazer, como bem principal e inato, não é



algo que deva ser buscado a todo custo e indiscriminadamente, já que às vezes pode resultar em dor. Do mesmo modo, uma dor nem sempre deve ser evitada, já que resulta em prazer” (LORENCINI; CARRATORE, 2002, p. 16).

Na escrita da “Carta sobre a felicidade” há impresso também a crença na liberdade do homem e em sua vontade que subjaz uma proatividade, em detrimento de uma perspectiva mais determinista que seria atribuída por Epicuro aos naturalistas. Assim, cabe ao indivíduo agir para a realização de uma vida feliz. Segundo Epicuro, o segredo para a felicidade estaria na combinação dos seguintes ingredientes seriam: prudência, beleza e justiça (EPICURO, 2002, p. 46). Em consonância com o entendimento de que saídas superficiais e passageiras ou exageros possam afastar o homem da possibilidade de uma vida feliz, Regina Schopke afirma que “no fundo, a busca incessante por diversão e prazeres já indica a própria falta desta alegria mais íntima; é na verdade, a maneira que encontramos para suportar o “peso da existência” (SCHOPKE, 2020, p. 8). Epicuro é, então, essa voz que anuncia a importância de lidar com a existência vivendo o aqui e o agora, e apresenta um caminho comedido como uma nova forma de viver desse “homem individual”, “homem privado”, que precisava ser feliz fora da convivência num Estado na forma que se entendia na era clássica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nenhum pensamento humano acontece no vácuo, de forma isolada ou descontextualizada. Nesse sentido, o presente trabalho objetivou mostrar o rastro dos pensamentos e seus movimentos visando apresentar uma visão mais contextualizada, embora breve/introdutória, do surgimento do pensamento acerca da felicidade individual e coletiva no período helenístico. Herdamos esses pensamentos; é dele que nós, localizados no Ocidente, viemos, conforme sugere Vernant (1999). Nesse sentido, ao revisitar nosso passado, acredito que, além de compreendermos a complexidade que subjaz nossa identidade contemporânea, abrimos novas frentes que possibilitam novas formas de pensar, ser e existir no presente e para o/no futuro.



*O pensar filosófico: no rastro das coisas dignas de serem  
sabidas*

OLIVEIRA, V. S.

Afinal, “é nesse vai e vem entre o passado e o presente que o homem se constitui” (VERNANT, 1999).



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. E. L. O Teatro, a Pólis: Dioniso e seu Espaço Norteador da Identidade Políade. São Paulo, *Labeca* – MAE/USP, 2010. p. 1-35. Disponível em:  
[http://labeca.mae.usp.br/media/pdf/almeida\\_o\\_teatro\\_a\\_polis.pdf](http://labeca.mae.usp.br/media/pdf/almeida_o_teatro_a_polis.pdf). Acesso em: 03 jun 2023.

CASTRO, J. C.; SIQUEIRA-BATISTA, R. A virtude pode ser ensinada? Uma aproximação a partir dos diálogos platônicos de Mênon, Protágoras e Eutidemo. *Hypnos*, São Paulo, v. 39, 2º sem., 2017, p. 288-310.

CORNFORD, F.M. *Antes e Depois de Sócrates*. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ENGLER, M. R. A sentença de Protágoras sobre os deuses e a Unidade de sua doutrina. *Veritas*, Porto Alegre, v. 64, n. 2, p. 1-32. 2019. Disponível em:  
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/32302>. Acesso em: 15 nov. 2023.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade* (a Meneceu). Trad. Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. Editora Unesp: São Paulo, 2002.

LORENCINI, A.; CARRATORE, E. Del. Introdução. In: EPICURO. *Carta sobre a felicidade* (a Meneceu). Trad. Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. Editora Unesp: São Paulo, 2002. p. 5-17.

NIETZSCHE, F. *Os filósofos trágicos*. In: Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. pp. 10-12.

NIETZSCHE, F. *A Filosofia na era trágica dos gregos*. Trad. Fernando R. de Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia: Filosofia pagã antiga*. Paulus: São Paulo, 2003.

REALE, G. *Filosofias helenísticas e epicurismo*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

SCHOPKE, R. *Alegria: A verdadeira resistência*. Rio de Janeiro: Confraria do vento, 2020.

SÓCRATES. Apologia de Sócrates. In: PLATÃO. *Apologia de Sócrates & Críton*. Trad. Alexandre Romero. São Paulo: Hunter Books Editora, 2014.



*O pensar filosófico: no rastro das coisas dignas de serem  
sabidas*

OLIVEIRA, V. S.

VERNANT, J. Os gregos inventaram tudo: Entrevista com o historiador Jean-Pierre Vernant.  
Trad. José Marcos Macedo. *Folha de São Paulo*, outubro, 1999.

---

*Recebido: 04/03/2024*

*Aprovado: 02/07/2024*